

## A TÓPICA DE PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA

# 10

### PERELMAN AND OLBRECHT-TYTECA'S TOPIC

**FERREIRA, Luiz Antonio**

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da PUC-SP

Pós-Doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas na USP-SP

E-mail: [luizferreira@pucsp.br](mailto:luizferreira@pucsp.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7183-9047>

#### **RESUMO:**

No capítulo V da terceira parte de “Retóricas”, Perelman faz interessante reflexão sobre lugares retóricos, valores e posições dos clássicos e românticos na argumentação. Para o autor, as pesquisas sobre argumentação tendem a mostrar que as noções de classicismo e romantismo se referem a premissas de argumentação, a posições de pensamento e modos de expressão que mantêm estreita relação com os estudos do raciocínio. O objetivo deste artigo, pois, é refletir sobre o modo como Perelman associa a constituição de um percurso argumentativo de clássicos e românticos para provocar ou aumentar a adesão das mentes às teses apresentadas.

**Palavras-chave:** Tópoi; lugares comuns; Nova Retórica; Perelman & Tyteca.

#### **ABSTRACT:**

In chapter V of the third part of “Rhetoric”, Perelman makes an interesting reflection on rhetorical places, values and positions of the classic and romantic in the argumentation. For the author, research on argumentation tends to show that the notions of classicism and romanticism refer to premises of argumentation, positions of thought and modes of expression that are closely related to the study of reasoning. The purpose of this article, therefore, is to reflect on the way in which Perelman associates the constitution of an argumentative route

of classic and romantic ones to provoke or to increase the adhesion of the minds to the presented theses.

**Keywords:** Tópoi; common places; New Rhetoric; Perelman & Tyteca.

## INTRODUÇÃO

Uma famosa canção brasileira é ternamente violenta: “*O que você precisa é de um retoque total/ Vou transformar o seu rascunho em arte final*” (Siqueira Jr. e Toller Amora, 1984). O orador estabelece um contato com a realidade para demonstrar ao auditório sua forma de retorização de uma questão fundamental: o desagrado diante da imperfeição do outro. O contexto da canção, porém, romantiza o ato retórico e demonstra que há um modo singular de ver e de sentir a paixão do amor, assim como há um modo singular de transformar a percepção e a racionalização da voz insatisfeita em um comando brandamente autoritário, ligado ao querer do orador, como se percebe no refrão (em negrito), que se esforça (em sua dubiedade) para resolver a problematização de uma relação amorosa: *Diz pra eu ficar muda,/ faz cara de mistério,/ tira essa bermuda que eu quero você sério./ Tramas de sucesso, mundo particular,/ solos de guitarra não vão me conquistar./ **Uh! Eu quero você como eu quero!** O que você precisa é de um retoque total./ Vou transformar o seu rascunho em arte final./ Agora não tem jeito: cê tá numa cilada./ É cada um por si,/ você por mim, mais nada./ Uh! Eu quero você como eu quero/ Longe do meu domínio/ cê vai de mal a pior,/ Vem que eu te ensino/Como ser bem melhor/ **Uh! Eu quero você como eu quero.*** (SIQUEIRA JR. E TOLER AMORA, 1984)

Em outro contexto, o auditório, racionalmente, poderia ofender-se e alegar a inexistência de um “retoque total”, pois isso implicaria modificar o todo de algo ou de alguém. A retórica é assim: trata da relação dos discursos com as questões humanas e vale-se do uso pleno e contextual do propósito de uma mensagem para lançar um convite à aprovação. Versos violentos como esses subvertem as regras de polidez para negociar o relacionamento e demonstrar que a relação das palavras com as emoções e as paixões depende, fundamentalmente, das formas de entender o ambiente e o auditório para, por fim, tecer combinações que dão à linguagem o seu poder de expressão e de convencimento. No plano dos argumentos, o orador se vale da petição de princípio,

que faz supor, no contexto discursivo, que o auditório já aderiu à tese que o orador se esforça por fazê-lo admitir: ser “rascunho” de si mesmo. Aceitar o que é dito pelo orador implica acatar um argumento de comparação, requer admitir um cotejo de vários elementos da mesma natureza para avaliá-lo comparativamente e só se justifica se a visão do orador for considerada como romântica, aquela que se opõe a um modo objetivo de ver e de interpretar o mundo e constitui uma das grandes formas históricas de dividir o sentir humano em duas categorias máximas: a racionalidade clássica e o subjetivismo romântico.

A visão clássica do existir liga-se à valorização da racionalidade e das reflexões sobre o lugar do homem no mundo. Colocado no centro do pensamento filosófico e antropocêntrico, o Classicismo, como movimento cultural (séculos XIV ao XVI), é influenciado pelas ideias do Renascimento e, conseqüentemente, por elementos culturais, artísticos e filosóficos da cultura greco-romana. A busca do equilíbrio, explicações científicas e o universalismo deram a tônica ao movimento que, por assim constituir-se, não mais aceitava visão de mundo pautada em pensamentos apenas religiosos.

No outro extremo, podemos pensar a visão romântica a partir de, pelo menos, duas categorias implícitas: a psicológica (que diz respeito a um modo de sensibilidade) e a histórica (referente a um movimento literário, artístico, datado). Como afirma Nunes (1993), a categoria psicológica do Romantismo é o sentimento como objeto da ação interior do sujeito. Nessa visão, ressalta-se a intimidade, o amor da irresolução e da ambivalência, em que toda experiência é conflitiva, aguda, interiorizada e pode ser vista como uma categoria universal. A outra perspectiva, datada, diz respeito ao movimento romântico, que se desenvolveu entre as duas últimas décadas do século XVIII e os fins da primeira metade do século XIX, em oposição aos padrões do gosto clássico.

As visões clássica e romântica remanescem, em menor ou maior grau, em atos retóricos de diversos gêneros. Em 1860, por exemplo, num célebre debate sobre o tema Darwinismo e Sociedade, no Museu de História Nacional de Oxford, o bispo anglicano Samuel Wilberforce (1805-1873) - considerado um dos maiores oradores de sua época e crítico mordaz das ideias evolucionistas - perguntou a Thomas Henry Huxley (1825-1895), autointitulado o *Buldogue de Darwin*,

fiel defensor do darwinismo e crítico rigoroso da Teologia Natural que dominava o pensamento biológico na Inglaterra Vitoriana: “Você é parente dos macacos por parte dos avós paternos ou maternos?”. A pergunta, insultuosa e violenta na essência, propiciou uma resposta racional e contundente de Huxley: preferia ser parente de um primata do que de um homem altamente favorecido pela natureza, com grande capacidade de influência, que se valia dessas virtudes para o mero propósito de introduzir o ridículo em uma discussão científica séria. (WARBURTON, 2013, p. 160).

Huxley sustentou seu argumento no lugar da essência, aquele que, na nomenclatura perelmaniana, contempla os argumentos que mostram indivíduos que representam um padrão, uma essência. A perspectiva, como se percebe, não é nada romântica, mas, sim, racional, universal e persuasiva. Nos dois exemplos desta introdução, a retórica, no sentido admitido por Perelman, “difere da lógica pelo fato de não se ocupar com a verdade abstrata, categórica ou hipotética, mas com a adesão” (PERELMAN, 1997, p.70). O auditório, então, ganha importância exponencial no ato retórico, pois o acordo pretendido depende das disposições do ouvinte, aquele que determina as premissas do raciocínio e os juízos que sustentarão o desenvolvimento do tema posto em ação. Evidentemente, no mesmo sentido, a figura do orador associa-se à competência de elaborar seu discurso em função de um princípio básico de que a verdade e a evidência não falam por si próprias. Requerem uma força probatória estritamente ligada à qualidade atribuída à audiência, uma vez que, nesse percurso de conseguir comunhão das ideias, envolvem-se características de subjetividade, de poderes da argumentação, de recursos retóricos de convencimento e persuasão e, sobretudo, de qualidade ou quantidade de interesse capaz de suscitar a tomada de decisão de um auditório.

Sob essa perspectiva, as premissas da argumentação, quando criadas a partir das hierarquias e crenças de um auditório, precisam ser pautadas numa “lógica de julgamento de valores”, no bom senso, a fim de enfatizar os porquês da rejeição às teses contrárias que partem, univocamente, de escolhas irracionais baseadas apenas no interesse, nas paixões, no preconceito ou no mito. Há um espaço de razoabilidade que precisa ser detidamente analisado na *inventio* e proclamado na *actio* e essa ponderação inicial configura a própria

retórica como uma reflexão teórica sobre a busca da melhor solução, no contexto em que se dá, para problemas existentes por meio do diálogo, do esforço oratório para demonstrar o razoável, o possível e o atingível quando uma questão se impõe vigorosamente e precisa ser discutida. Nesse contexto, os lugares retóricos adequados são fundamentais para obtenção do êxito discursivo.

### **OS LUGARES RETÓRICOS**

Os dois exemplos acima atuam no espaço da *doxa*, pois, fundamentalmente não se discutem verdades e certezas, mas, sim, opiniões. Por isso, o movimento persuasivo é dialético, uma vez que permite a discussão de valores, de hierarquias, de preferências e, consubstanciado em discurso, consagra a própria dialética como objeto material da Retórica. Para reforçar a intensidade da adesão do auditório, a relação de valores com outros valores e de hierarquias com outras da mesma natureza são muito necessárias, mas, como afirma Perelman (1996, p. 94), para realmente consolidá-la, o orador pode recorrer a premissas de ordem muito geral, qualificadas como *lugares*, comumente estudadas nos tratados consagrados ao raciocínio dialético. Huxley pretendia mostrar uma verdade universal, ligada ao aspecto científico da evolução, para ressaltar, pelo lugar da quantidade, o lugar da ordem que validaria as premissas. Siqueira e Tler amora, por sua vez, pretendem resaltar o único, o inusitado, o aspecto passional do querer deste ou daquele jeito por meio do lugar da qualidade.

O orador, seja qual for o lugar escolhido, precisa levar em conta que a opinião possui espaços de ignorância, dúvida e certeza, que há pelo menos dois lados e que um é mais aceitável do que o outro. Precisa considerar, também, que ao atuar no plano da *doxa*, encontra-se no campo minado das representações da realidade e, por isso, sem garantias de estabelecer acordos se não justificar vigorosamente as premissas que sustentam sua argumentação, se não demonstrar, de modo claro e coerente, que são, pelo menos, apropriadas, exequíveis e necessárias no contexto retórico em que atua. É, por esse caminho retórico, que o orador se mune de argumentos para atingir a eficácia. Quando assim procede, encontra-se em um estado investigativo para encontrar os melhores recursos argumentativos e demonstrar que tem consciência de que o argumento é o que torna crível o que é duvidoso.

Na retórica, essa é a função da Tópica, a disciplina que é parte da Dialética e que se propõe a investigar os lugares comuns (*tópoi – loci*), vistos como fontes de argumentação. No Livro I dos *Tópicos*, Aristóteles (2010) anuncia um conceito muito preciso sobre a finalidade de seu Tratado: “descobrir um método que nos capacite a raciocinar, a partir de opiniões de aceitação geral, acerca de qualquer problema que se apresente diante de nós e nos habilite, na sustentação de um argumento, a nos esquivar da enunciação de qualquer coisa que o contrarie” (ARISTÓTELES, *Tópicos*, Livro I, §20-25).

### A TÓPICA DE PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA

Em consonância com os princípios teóricos que sustentam a Nova Retórica, o estudo dos lugares - que se encontra na segunda parte do Tratado, “O Ponto de Partida da Argumentação”, a partir do §21 do primeiro capítulo, denominado “O Acordo” - indica claramente a base originária para a constituição da Tópica de Perelman e Olbrechts-Tyteca: os estudos contidos na *Tópica*, de Aristóteles. As reflexões iniciais do capítulo remetem o leitor para a conceituação de lugares na retórica tradicional que, para os antigos, eram rubricas de imensa generalidade utilizadas para a classificação dos argumentos com o intuito de ajudar o orador no momento da *inventio* por meio do agrupamento do material necessário para a construção oratória. Por isso, até hoje, os lugares são conhecidos como “depósito de argumentos”, “moradia dos argumentos” num processo comum de antropomorfização. Aristóteles, se valia do termos *lugares-comuns* (*sedes argumentorum*), aqueles que podem servir indiferentemente a qualquer ciência (campo discursivo) e não dependem de nenhuma, e *lugares específicos* (aqueles que são próprios de uma ciência particular ou de um gênero específico) (*Retórica*, I, II, 21-2, 1358<sup>a</sup>; II, XVII, 1391b-1392<sup>a</sup>). Por falta de interesse dos lógicos pelo estudo dessas rubricas e em função do declínio da retórica, os lugares foram considerados uma banalidade e perderam o valor argumentativo. Para os autores do Tratado, porém, é necessário considerá-los como um arsenal indispensável para quem pretende valer-se da persuasão no discurso. Para a Nova Retórica, lugares são “as premissas de ordem geral que permitem fundar valores e hierarquias e que Aristóteles estuda entre os lugares do acidente”. (PERELMAN & TYTECA, 1996, p. 93).

Na Nova Retórica, Perelman & Tyteca pretendem a análise de argumentações concretas e, por opção teórica, põem de lado os demais lugares estudados por Aristóteles nos *Tópicos*: os lugares do gênero, do próprio, da definição e da identidade, para ressaltar apenas o lugar do acidente. Por acidente, Aristóteles entende “aquilo que não sendo nem definição, nem propriedade, nem gênero, ainda assim tem pertinência com a coisa. (ARISTÓTELES, *Tópicos*, Livro I, V, 102b1, 5). Discutem, a seguir longamente sobre as práticas argumentativas relativas aos lugares, pois, segundo afirmam, não pretendem que os leitores tomem os lugares como contextos vazios. Conceituam, então, os dois lugares fundamentais: a quantidade e da qualidade e, a seguir, explicam o porquê de incluírem outros na lista dos lugares da Nova Retórica:

Poder-se-ia pensar em reduzir todos os lugares aos da quantidade ou da qualidade, ou mesmo em reduzir todos os lugares aos de uma única espécie – teremos a ocasião de tratar dessas tentativas –, mas parece-nos mais útil, dado o papel que representaram e continuam a representar como ponto de partida da argumentação, consagrar algumas exposições aos lugares da ordem, do existente, da essência e da pessoa. (PERELMAN & OBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 105)

De forma resumida, o quadro de lugares propostos no Tratado liga-se à lógica do preferível (PERELMAN, 1997, p. 69) e, nessa perspectiva, admite argumentação “pela qual somos convidados a aderir a uma opinião e não a outra” (PERELMAN, 1997, p. 69):

Lugar	Descrição
Da quantidade	É o que afirma que uma coisa é preferível a outra em razão de dados quantitativos, que uma coisa é superior à outra por ser mais proveitosa a um número maior de pessoas, ser mais durável, mais útil. É um lugar que fundamenta anúncios publicitários.
Da qualidade	É preferível aquilo que se sobrepõe ao outro por ser raro, original, extraordinário. A opinião de determinado indivíduo é melhor que a de todos. Trata-se de um argumento elitista
Da ordem	É o que afirma a superioridade da causa sobre o efeito, do anterior sobre o posterior. Glorifica-se o passado e menospreza-se o presente. Também pertence a esse lugar o argumento contrário.

Do existente	É o que declara superioridade daquilo que é sobre aquilo que somente é possível, do prático sobre o teórico
Da essência	É o que contempla os argumentos que mostram indivíduos que representam um padrão, uma essência
Da pessoa	É o que apela ao valor da pessoa, por sua importância; valoriza o que é feito com cuidado, carinho, que requer esforço

Fonte: Adaptado pelo autor a partir do Tratado de Argumentação, 1996.

Depois de expor e explicar a classificação proposta dos lugares na Nova Retórica, Perelman e Tyteca ocupam-se, quer no Tratado (1996) quer em Retóricas (1997) da utilização e redução dos lugares a partir de ponderações que fazem sobre o espírito clássico e o romântico. Ressalte-se que na Nova Retórica, um conceito fundamental para a teoria da argumentação está centrado no auditório. Quando o orador está preocupado com um discurso demonstrativo-analítico, que se utiliza da lógica formal, as provas utilizadas são impessoais porque devem ser aceitas universalmente, já que a verdade obtida por meio da Lógica formal tende a ser incontestável. Para o discurso retórico, entretanto, a relação entre o orador e o auditório é item fundamental do processo de persuasão, pois a adesão pretendida envolve um auditório determinado que, por isso, exige que o orador fundamente seu discurso a partir de acordos prévios. Assim, quanto mais o orador conhece e analisa seu auditório, maior é o número de acordos prévios que tem à sua disposição. Nesse sentido, determinados lugares são menos ou mais aceitos em diferentes épocas e em diferentes meios e não podem ser utilizados unicamente para fundamentar a adesão a fatos, verdades ou a presunções. Deve, de acordo com os inventores da Nova Retórica, buscar acordos entre os valores, as hierarquias e a enunciados preferenciais, muito gerais, que orientam a escolha dos argumentos e são chamados de “lugares do preferível”.

### **A REDUÇÃO DOS LUGARES**

Para Perelman & Tyteca (1996), os lugares da quantidade e da qualidade podem caracterizar duas tendências fundamentais do homem: o espírito clássico e o espírito romântico. A escolha dos argumentos, nesse sentido, requer adequada seleção de lugares em função dos objetivos do orador, dos argumentos com os quais há riscos de se chocar e da atitude do auditório ou o vínculo entre a



escolha e a ação que pretende desencadear. Há, nessa perspectiva, lugares, denominados clássicos, quando o fundamento de valor está centrado na valorização do que é universal e eterno, do que é racional e comumente válido, do que é estável, duradouro e essencial e do que interessa ao maior número.

Os lugares românticos, por sua vez, valorizam o único, o original, o novo, o distinto, o marcante na história, o precário e o irremediável. Para as virtudes clássicas da veracidade e da justiça, o romântico argumentará pela valorização do amor, da caridade e da fidelidade. Se os clássicos destacarem os valores universais, os românticos preferirão os valores concretos e particulares. Quando os clássicos reforçam a importância do pensamento e da contemplação, os românticos preconizam a ação eficaz.

Retomemos o exemplo de Siqueira Jr. e *Amora*, muito significativos na escolha dos lugares retóricos pelo plano contextual e na visão romântica do existir: “*Longe do meu domínio cê vai de mal a pior/ Vem que eu te ensino como ser bem melhor*”. De novo, os versos marcadamente pretensiosos, veementes e impetuosos sustentam-se no raciocínio apodítico e mostram a força do querer do orador: dominar. A ordem (*vem que eu te ensino*) não requer provas, pois, numa visão romântica do existir, não se discute a verdade ou falsidade de uma afirmação e, no plano retórico, ressalta-se a necessidade persuasiva de demonstrar consciência das sutilezas e complexidade dos discursos sociais e seus múltiplos aspectos ligados à racionalidade e às paixões humanas. Configurar provas no discurso requer, nesse sentido, a atuação em um espaço retórico muito necessário para a concretização do razoável como argumento potente contra o dogmatismo racionalista ou o relativismo absoluto. Os versos são produto estrito de um juízo de valor (*cê vai de mal a pior*) e têm forte intenção de doutrinar, de praticar o *docere* diante de um auditório romanticamente fragilizado. Como se trata de um auditório particular, o lugar do único emerge fortemente. A gradação é explícita: pior > mau > melhor > bem melhor. Os versos do refrão, justificam subjetiva e romanticamente a qualidade na “lição” que impõe condições estritamente ligadas aos desejos e aspirações do orador: “*Ah! Eu quero você como eu quero*”, isto é, “do jeito que eu quero”. O auditório, envolto num contexto passional, sem percepção imediata da força da *actio* autoritária, poderia supor

outro sentido para a mesma frase: “Ah! *Eu quero você! Como eu quero!*” que, de modo muito persuasivo, transformaria a violência dominante do orador em brandura suficiente para estabelecer acordo e eficácia, fim último da retórica. Novamente, alicerçado no lugar da qualidade, o orador dá ao discurso uma dimensão valorativa, não-lógica, mas competente quando considerada em um contexto dessa natureza em que o gênero epidítico se impõe fortemente para, pela diminuição carinhosa do outro, promovê-lo a uma condição outra: de amante desejado e querido. Mesmo em momentos da canção em que o orador parece dar voz ao auditório, a força imperativa do domínio é indisfarçável: “Diz pra eu ficar muda/Faz cara de mistério/ Tira essa bermuda que eu **quero** você sério”. A ambiguidade é muito clara: “Tira essa bermuda que eu quero você. Sério!” ou “eu quero você sério” (porque você não se veste dignamente). A racionalidade, como se percebe, possui sua própria lógica e é legitimamente instaurada em um contexto em que os julgamentos da realidade sustentam-se em juízos de valor e em que, pela força das analogias figuradas, as comparações violentas entre pessoas e eventos compõe um conjunto argumentativo que realçam a *bona fides* do orador, pois, a bondade, a generosidades, a benevolência, a simpatia e a tolerância, ainda que antiteticamente marcadas no discurso, se realçam e amenizam os “defeitos” do auditório: maus hábitos, falta de moderação e de firmeza. Sob essa visão romântica de tradução de um evento do mundo torna-se imperativo para o orador levar em conta o aspecto passional que envolve o auditório no instante da *actio*, uma vez que não se pode negar a existência de valores e de uma inevitável hierarquia do preferível em cada um dos ouvintes.

A canção, que se situa num contexto passional, difere, tanto na intencionalidade quanto na temática, do debate racionalizado entre o bispo e Hume, citados neste texto. Nos dois casos, porém, imbricam-se exercícios oratórios de natureza dialética, escolha acurada dos argumentos e rubricas (consideradas como lugares) que, na *inventio*, auxiliam a pertinência das provas no discurso. Para Aristóteles (2010), o lugar-comum é uma matriz semântica, uma espécie de molde discursivo que serve de espaço para a construção de argumentos conflitantes. Nos versos que abrem este texto, o lugar da qualidade, na nomenclatura de Perelman & Tyteca (X), impõe-se de modo inapelável para justificar uma finalidade existencial de todo ser humano: alcançar

a felicidade (eudaimonía) que, para Aristóteles é o bem supremo do existir. O lugar romântico é o da qualidade. Os aspectos quantitativos que são levados em conta pelos clássicos poderiam ser reduzidos a uma hierarquia qualitativa:

Os lugares qualitativos, os valores concretos são o arsenal inquietante do pensamento romântico, baseados na beleza do transitório, que arrasta consigo a melancolia do precário e a obsessão da morte, a aspiração por princípio inacessível, a nostalgia do passado, a noite da incerteza, o fastio pelo medíocre, mas também a iridescência do folclore e da cor, a iridescência do incomparável da história, a fascinação do mistério, a exaltação das superações (PERELMAN, 1997, p. 191).

Os lugares da quantidade, então, servem de base ao pensamento clássico e, para Perelman e Tyteca (1996), justificam-lhe o otimismo, o gosto da clareza e da ordem. A eles vinculam-se o conceito de razão, visto com bem comum a todos, e de verdade, que deve ser admitida por todos. Normal, então, é o que ocorre com maior frequência:

Os lugares da quantidade são (...) os que afirmam a superioridade do que dura mais tempo, do que é mais constante, que presta serviços a maior número de pessoas, do que é útil em maior número de circunstâncias, do que tem mais possibilidade de ocorrer, ou de ser bem-sucedido, do que é mais fácil ou mais acessível. Vê-se logo que a esses lugares correspondem valores tais como a duração, a estabilidade, a objetividade, a universalidade, a eficácia, a segurança. (PERELMAN, 1997, p. 188).

Essa divisão geral, porém, não significa que clássicos e românticos se valham apenas desses lugares e excluam outros. Os lugares da quantidade e da qualidade propõem escolhas ao orador, pois não destroem totalmente o que rejeitam. Se considerarmos os lugares em pares antitéticos, é preciso levar em conta os atrativos que um e outro termo possuem: “um dos valores em causa pode ser depreciado, mas continua a existir” (1997, p. 193). Na base do princípio argumentativo, há um par maior, resumido em *aparência-realidade*, denominado “par filosófico” por Perelman e Tyteca (1997), que justifica a subordinação do orador a uma tendência mais clássica ou mais romântica. Declinam, a partir dessas considerações, uma série de pares antitéticos em que o primeiro termo corresponde à aparência e o segundo à realidade e, aqui, citamos apenas alguns: abstrato x concreto; razão x imaginação; teoria x fato; imobilidade x mudança; social x individual.

De modo geral, o romântico, ao renunciar à racionalidade discursiva, preferirá discursos mais próximos da sugestão: a poesia em vez da prosa, a metáfora e o trocadilho no lugar da comparação ou da alegoria. Em vez das relações causais, o símbolo, que evoca participação; no lugar do realismo ingênuo, que se satisfazia com a razão, o sobrenatural, que provoca o mistério. Para fugir do corriqueiro, ressaltará o estranho, o único como dotado de valor. Para o romântico, o improvisado e o vago se sobrepõem ao construído e definido; a nebulosidade dos tempos distantes e a fluidez das recordações são mais importantes do que a precisão dos tempos passados (Perelman, 1997, p. 196-7).

O espírito clássico, por sua vez, empregará valores universais: o Bem, a Justiça, o Verdadeiro que, para Perelman & Tyteca (1997), favorecem a evolução das ideias porque são maleáveis, com conteúdo variável e, por isso, são progressistas. “Os valores concretos, em contrapartida, são os da tradição estratificada ou da revolução – houve um romantismo conservador e um romantismo revolucionário, profético.” (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 193).

Os autores ressaltam, porém, que um mesmo objetivo pode ser realizado com o auxílio de lugares muito diversos. Por isso, o uso dos lugares clássicos pode não ser incompatível com o aspecto revolucionário dos românticos. O repouso, o equilíbrio, a estabilidade, lugares clássicos por excelência, podem, em certas circunstâncias, prestar-se melhor à lenta e gradual transformação dos costumes e das ideias por meio da argumentação. Assim, o uso de certos lugares ou de certas argumentações não caracteriza necessariamente um determinado meio cultural, mas pode, sim, ser produto de uma situação argumentativa particular.

Nesse sentido, como advertência muito necessária, Perelman e Tyteca (1997) explicam que “seria demasiado simples inverter, tão-somente, os pares românticos para encontrar sempre um par clássico”. A inversão, afirmam os autores, é acompanhada normalmente por uma modificação nos termos:

Assim, o par clássico oponível a artificial-natural não será natural-artificial, mas informe-organizado; o par clássico oponível a estratificado-temporal não será temporal-estratificado, mas, antes, passageiro-intemporal; o par romântico oponível ao par clássico liberdade como escolha-liberdade como ordem será adesão-criação. Por outro lado,

o par romântico consistirá amiúde numa reforma da base do par clássico: a passageiro-duradouro da antiguidade clássica sobreporá um par tempo-eternidade em que a duração, mesmo infinita, é avaliada em comparação à unidade qualitativa da eternidade (PERELMAN, 1997, p. 194).

É, assim, a situação argumentativa que determina a escolha dos lugares, independentemente das ideias que professa o orador. Como explicam os fundadores da Nova Retórica, às vezes somos levados a utilizar lugares ignorados pelo adversário e, se queremos inverter a ordem das coisas que foram estabelecidas pela verdade, objetividade, razão e certeza, é importante enfatizar o aspecto do bem comum, fungível, repartido entre todos e afirmar que “essas são apenas verdades e certezas ilusórias, que devem ser substituídas por uma verdade mais elevada, de uma ordem incomensurável, baseada, por exemplo, na intuição ou numa relação direta com o Uno, seja ela no plano do humano ou do divino” (PERELMAN, 1997, p. 192). Enfim, os lugares da qualidade e da quantidade propõem escolhas e, de modo geral, não destroem totalmente o que rejeitam e situam-se em diferentes espaços argumentativos existentes entre o par filosófico aparência-realidade.

Os românticos, envolvidos sobretudo com o auditório particular, esforçavam-se para inverter certas posições do classicismo (que naturalmente se preocupava com a persuasão do auditório universal). A mesma atitude de inversão é possível para os clássicos, pois, quem argumenta “busca eliminar completamente, em proveito de outros, certos elementos; busca de preferência subordiná-los, reduzi-los aos que se considera fundamentais.” (PERELMAN & TYTECA, 1996, p. 109). Não é estranho, pois, que os clássicos, ferrenhos defensores da naturalidade, tenham muitas vezes, por impossibilidade de convencer pela lógica, utilizado, numa deferência e adaptação técnica, utilizado a imagem e o artifício como meio de agradar e de se fazer entender por um auditório. Enfim:

Assim é que a sistematização dos lugares, sua concepção em função dos lugares considerados fundamentais, confere-lhes aspectos variáveis e que o mesmo lugar, a mesma hierarquia, pode, em virtude de outra justificação, redundar numa visão diferente do real (PERELMAN & TYTECA, 1996, p. 110-11).

Há, ainda, espaço para muitas reflexões sobre a tópica proposta por Perelman & Tyteca. De todo modo, uma afirmação é clara e definitiva: as pesquisas sobre argumentação, segundo os autores, “tendem a mostrar que as noções de classicismo e de romantismo se referem a premissas da argumentação, a posições de pensamento, a modos de expressão, cujas estreitas relações qualquer estudo do raciocínio mostrará.” (1997, p. 197).

Em seu estudo sobre os lugares-comuns, Perelman & Tyteca deixam transparecer seu respeito ao papel criativo do diálogo e à pluralidade sensata das mentes. O diálogo é concebido como um artifício persuasivo que estabelece profunda relação entre orador e auditório e revela o conhecimento que a humanidade tem ou pode ter em cada estágio de seu desenvolvimento, numa soma infinita de verdades relativas, pois as categorias intelectuais construídas pelo homem são, sempre, estágios parciais e relativos de conhecimento do mundo.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Retórica a Alexandre**. Trad. Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2012.
- ARISTÓTELES. **Órganon**. Trad. Edson Bini. Bauru, SP: EDIPRO, 2a. ed. 2010.
- COELHO, F. U. Prefácio à edição brasileira. In: PERELMAN, Chaim; OLDBRECTS-TYTECA, Lucie. **Tratado de Argumentação: a nova retórica**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MANELI, M. **A Nova Retórica de Perelman – Filosofia e Metodologia para o Século XXI**. Trad. Mauro Raposo de Melo. Baurieri, SP: Manole, 2004.
- NUNES, B. A Visão Romântica (cap. 3) In. GUINSBURG, J. **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 1993, 3a. ed.
- PERELMAN, C. **Retóricas**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- PERELMAN, C.; OLDBRECTS-TYTECA, L. **Tratado de Argumentação: a nova retórica**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- TRINGALI, D. **A Retórica Antiga e Outras Retóricas – A retórica como Crítica Literária**. São Paulo : Musa Editora, 2014.
- WARBURTON, N. **Uma Breve História da Filosofia**. Trad. Rogério Bettoni. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

Enviado em: 10/12/2019

Aceite em: 18/12/2019